

Janeiro de 2020 - Ano XVI - www.aptafurg.org.br



SINDICATO NA LUTA

2020: Ano de Resistir!



g ê n e r o

DIA NACIONAL DA VISIBILIDADE TRANS

MARIA REGINA DA CONCEIÇÃO MORAES - ALGBT RG

O Brasil continua no posto de país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Dados levantados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) revelam ainda um triste agravante: o número de vítimas da violência transfóbica no ano passado foi o maior no país nos últimos dez anos.

Isso implica dizer que a cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada no país, segundo o Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil.

O Dia Nacional da Visibilidade Trans, comemorado todo 29 de janeiro, marca a luta dessa população que, além de todo preconceito e violência sofridos diariamente, ainda reivindica direitos básicos, como educação, saúde, trabalho e segurança.

O contato com a discriminação e o ódio chegam cedo na vida de uma pessoa trans.

A falta de acolhimento e respeito no ambiente escolar são motivos que levam muitas pessoas trans a largar os estudos. Cerca de 82% das mulheres transexuais e travestis abandonam o ensino médio entre os 14 e os 18 anos

A marginalização da população trans traz como obrigatoriedade a prostituição como forma de sobrevivência. "Ninguém escolhe essa vida de marginalidade. É uma imposição social",

A marginalização e a violência ainda marcam a vida da população trans. As dificuldades encontradas vão desde o acesso a direitos básicos, como educação, saúde e trabalho. "Não é uma coisa natural que uma travesti possa entrar numa universidade, se formar e ser contratada". Por ser transexual ou por ser travesti, você desqualifica o lado profissional daquele ser humano".

A falta de compreensão sobre o que é identidade de gênero é uma das causas que atribuímos ao desrespeito à comunidade



trans. "Pensa-se normalmente que nós abdicamos do direito de ser homem e queremos ser mulher. Não reivindicamos isso, o que a gente faz é nos identificarmos com esse feminino. É preciso que a sociedade compreenda e respeite a individualidade de cada um".

A negligência do Estado é tamanha que não há dados oficiais sobre os assassinatos em comento. A ANTRA decidiu publicizar esse descaso e escancarar esta ferida que segue aberta, que persegue e mata pessoas como eu, por ser quem somos. O modo como essas mortes ocorrem é sempre muito violento. O assassinato por tiros encabeça a lista de mortes, mas não são um ou dois tiros, é uma execução. Há casos em torno de 20, 30 tiros, como se o assassino

quisesse matar também a alma da vítima. Expurgar de vez a existência Trans. E é assim que eles fazem! Muitos destes assassinatos são cometidos por pessoas sem relação direta com a vítima, o que demonstra a Transfobia presentes em todos os casos que vem sempre acompanhados de requintes de crueldade. E são as travestis e transexuais, em geral as profissionais do sexo, negras e em situação de vulnerabilidade social, as mais expostas. O risco de uma pessoa trans ser assassinada é 14 vezes maior que um homem gay cis; e se compararmos com os Estados Unidos, as 144 travestis brasileiras assassinadas em 2016 face às 21 trans americanas, as brasileiras têm 9 vezes mais chance de morte violenta do que as trans norte-americanas.

Precisamos pensar em prevenção e educação, em campanhas ostensivas e periódicas, contra o preconceito, contra o ódio, contra o discurso religioso que nos demoniza, contra aquela "liberdade de expressão" que nos desumaniza. Nos desumanizando, podem fazer conosco o que quiserem, até matar e, ainda, contam com a certeza da impunidade. Precisamos de ações educativas nos espaços públicos e nas famílias, debates nas escolas e universidades, nas unidades de saúde, órgãos de segurança pública e toda a esfera do estado e na sociedade. É violência também não respeitar o nosso nome social e a nossa identidade de gênero. É violência nos impedir ou constranger ao usar o banheiro de acordo com a nossa identidade de gênero. Infelizmente, quando falamos de Travestis e Transexuais, é sempre algo relacionado à violência. Todo dia as mesmas histórias, com personagens diferentes... E infelizmente é a vida real. Cada dia a realidade anda pior!

Por tudo isso que precisamos ainda muita luta para mudar a mentalidade de toda a sociedade. Por que ser canhoto não é o problema, mas sim ser obrigado usar a mão direita. Desta forma, ser travesti ou transexual não é nenhum problema, o problema é o que a sociedade faz com as pessoas nesta condição.

Precisamos fortalecer e acolher as travestis e transexuais em nossa sociedade para acabar com uma das formas de violência mais cruéis de nossa sociedade: a segregação e a estigmatização.

Somos todos diferentes, isso não é motivo para criarmos tantas e tantas desigualdades. Aprendendo a conviver e a respeitar as diferenças estaremos ajudando a construir um mundo menos árido e mais tranquilo para todos vivermos em harmonia.

e d i t o r i a l

RUMO À GREVE GERAL DA EDUCAÇÃO

O Governo fascista de Bolsonaro sobreviveu ao seu primeiro ano de mandato. Ao contrário do que muitos pensavam – e apostavam (grande parte da esquerda) – não veio a queda. O Governo permanece firme e ostentando sustentação popular de quase um terço da população, segundo as últimas pesquisas. Lamentavelmente grande parte da esquerda acredita que os tempos ruins vão passar e o país voltará à normalidade democrática. Para piorar este prognóstico, acreditam que o retorno será determinado pelos processos eleitorais. Definitivamente este periódico não acredita nestas ilusões.

O presente editorial não tem a pretensão de expor uma análise da conjuntura nacional e internacional – até porque isso exigiria um espaço muito além do presente texto – para sustentar justamente um posição contrária à toda e qualquer ilusão de que o momento é apenas conjuntural.

Ao contrário, o Golpe de Estado de 2016 faz parte de um movimento estrutural dentro do processo de crise do capitalismo em escada global (por esta razão foi possível levar às últimas consequências o Golpe de Estado na Bolívia, por exemplo). Não!!! A saída eleitoral não existe, lamentamos dizer.

A atual situação é consequência de um Golpe de Estado que ainda está em curso, cuja possibilidade de fechamento total do regime está em disputa entre as forças golpistas, no momento que escrevemos o presente editorial, o que leva a esquerda ter como eixo central a defesa da democracia liberal, por mais esquizofrênico que isso possa parecer.

A contradição central no atual momento histórico é justamente entre a

democracia liberal e o estágio do atual momento do processo de acumulação do capital. Dito de outra forma: a recuperação das taxas de lucratividade (na perspectiva do capital) passa pela negação da democracia liberal, em função do que promove o programa neoliberal, necessariamente pela miséria absoluta da maioria dos povos e em benefício de meia dúzia de famílias ultra bilionárias.

A crise do movimento do capital é estrutural e não conjuntural. Por esta razão, respostas institucionais dentro do marco legal da sociedade liberal (caso das eleições), não resolverão a contradição central do atual momento. Golpes de Estado não serão resolvidos nas urnas. Disso até o genial Lula (um democrata liberal por excelência) já sabe.

Então diríamos: fora as eleições? Evidente que não. Uma palavra de ordem desta natureza explicitaria uma ignorância perigosa frente ao atual estágio da luta entre as classes sociais (que se polariza cada vez mais entre duas classes apenas: a classe trabalhadora e a burguesia) no mundo, em geral, e no Brasil em particular.

As eleições são importantes espaços de luta – diríamos imprescindíveis – contra o programa devastador do capital – comandado com mão de ferro pela fração rentista da burguesia, em nível global. É preciso compreender que a luta pela democracia, ainda que liberal, se tornou um movimento tático de grande relevância na luta das trabalhadoras e trabalhadores em todos os países, sobretudo nas nações que estão fora do centro hegemônico do capitalismo, caso do Brasil.

Qual a saída então? A reconciliação das lutas institucionais com as lutas dos movimentos sociais. É preciso penetrar nos poros do Estado capitalista para levar suas contradições às últimas consequências, por

um lado, e levar às ruas a luta da classe trabalhadora, afim de disputar a correlação de forças no interior da sociedade, por outro lado. É preciso ter um pé na institucionalidade e um pé nos movimentos sociais.

Como podemos traduzir isso na atual conjuntura brasileira que vive dentro de um Golpe de Estado que se aprofunda? Primeira coisa a fazer é jogar todas as ilusões em relação a possibilidade da humanidade ser feliz dentro dos marcos da sociedade do capital. Todo o movimento deve ser em direção à superação do capitalismo. A luta deve ser socialista. Em segundo lugar, disputar sim as eleições deste ano e rumo em direção as eleições estratégicas de 2022.

Entretanto, duas observações: As disputas devem se dar como movimentos táticos em busca de acumulação de forças do campo progressista para a derrubada do Golpe de Estado no Brasil. E a segunda observação é que as disputas eleitorais devem ser lastreadas com lutas, com a tomada das ruas em todas as cidades pelas trabalhadoras e trabalhadores, rumo a uma greve geral de grande envergadura.

Justamente em relação a esta segunda observação é que cremos, estrategicamente, na GREVE GERAL DA EDUCAÇÃO, como catapulta para uma parada geral da classe trabalhadora. Acreditamos que o campo da educação, e somente ele, é capaz de mobilizar a sociedade em defesa da democracia. Seu enraizamento na totalidade do território nacional e seu apelo como instrumento de ascensão social – residente no imaginário do povo –, permite crer de fato que uma poderosa tsunami da educação é capaz de promover um levante popular para derrubar o Golpe de Estado no Brasil, mas não só nele. Mas esta é uma outra conversa.



**SINDICATO
NA LUTA**

EXPEDIENTE

ENDEREÇO
Rua Padre Nilo Gollo, 76,
São Jorge, Rio Grande RS
Tel.: (53) 3230-2284/3230-5417
Email: aptafurg@vetorial.net

COORDENAÇÃO GERAL:
Celso Luis Sá Carvalho
Maria de Lourdes Fonseca Lose
Rafael Missiunas

COORDENAÇÃO DE DIVULGAÇÃO E IMPRENSA
Fernando Agostinho Balansin
Jorge Luiz Machado Mello
Maria de Lourdes Fonseca Lose

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Marcio Vieira Oliveira- Mtb. 9258
Tel.: (53) 99458125 marcioliveira2000@yahoo.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Editora Casalettras
contato@casaletras.com

TIRAGEM
1.000 exemplares

O Jornal Sindicato na Luta - veículo de comunicação da Associação do Pessoal Técnico-Administrativo da FURG (APTAFURG) - tem distribuição gratuita e dirigida.

AUTORAS NEGRAS QUE TOD@S PRECISAM LER

FONTE: CULTURA GENIAL

Durante muito tempo, a palavra pertencia aos homens brancos: a eles cabia descrever e definir o mundo, por semelhança ou oposição a si mesmos. O cânone literário é fruto dessa hegemonia masculina e branca que dominou todas as áreas da cultura, relegando para as margens os discursos pertencentes a outras identidades. Nas últimas décadas, leitores e teóricos começaram a perceber que precisamos de mais perspectivas, outras formas de viver e escrever. Precisamos ler mulheres negras, conhecer as suas obras e as suas lutas, combater o silenciamento e o apagamento histórico. Obs.: as autoras citadas nessa reportagem são apenas algumas das que foram mencionadas na matéria original, pois por uma questão de espaço editorial fizemos a escolha por citarmos algumas. A reportagem completa está no site www.culturagenial.com

CAROLINA MARIA DE JESUS (1914 — 1977)



Carolina Maria de Jesus foi uma das maiores escritoras nacionais e **uma das primeiras autoras negras brasileiras**. Mãe solteira, catadora de papéis e moradora da favela do Canindé, em São Paulo, escreveu cerca de 20 diários relatando as suas condições e experiências de vida. Carolina de Jesus permaneceu anônima até 1960, ano em que foi publicada a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. O livro é um marco de representatividade, com uma autora que escreve sobre e a partir do contexto social em que vive.



“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.”

Quarto de Despejo (1960)

CONCEIÇÃO EVARISTO (1946)



Conceição Evaristo é uma das maiores autoras nacionais afro-brasileiras. Membro da Academia Brasileira de Letras, nas suas obras de poesia, ficção e ensaio é notória a **valorização da cultura negra** e a análise do panorama social brasileiro. *Ponciá Vicêncio* (2003), uma de suas obras mais célebres, acompanha o percurso de vida da protagonista, descendente de escravos, do meio rural até à periferia urbana. Essa narrativa de diáspora propõe reflexões sobre o presente e o passado, deixando evidente uma **herança de exclusão e marginalização**. Militante dos movimentos sociais, Conceição Evaristo também imprime na sua poesia marcas de discriminações raciais, de classe e de gênero. A literatura de Conceição Evaristo é sinônimo de representatividade, já que através dela uma mulher negra reflete sobre a sua condição social e as lutas inerentes que trava.



Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. ecoou lamentos de uma infância perdida. A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela. A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome. A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade.

Poemas da recordação e outros movimentos (2008)

DJAMILA RIBEIRO (1980)

Djamila Ribeiro é uma escritora, acadêmica, filósofa e ativista brasileira. Se tornou notória pelas suas contribuições para os movimentos sociais que lutam pelos direitos das mulheres e dos cidadãos negros.

Seu trabalho começou por ser divulgado na *internet*, através da publicação de textos em várias plataformas. Djamila, como outras teóricas, propõe que o espaço cibernético oferece uma alternativa à mídia que reproduz os preconceitos da sociedade.

o seu primeiro livro, *O que é lugar de fala?* (2017), a autora chama a atenção para o **silenciamento** a que algumas camadas da sociedade estão submetidas. Defendendo a **necessidade de múltiplas vozes e histórias** na nossa cultura, afirma a importância de desafiar o cânone masculino e branco que vigora. A obra questiona quem pode falar na nossa sociedade, quem tem direito a voz, à existência, ao **discurso enquanto forma de poder**. Ao mesmo tempo que a visão do homem branco é encarada enquanto universal, diversas identidades continuam sendo relegadas para o lugar do "outro".

“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la.” Djamila defende que cada indivíduo fala a partir de um lugar social, de uma localização nas estruturas de poder que partilha experiências em comum. Sublinha, assim, a importância de cada um de nós, partindo do lugar onde está, pensar de que modos pode contribuir para uma sociedade mais justa e livre de preconceito. “Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa.”

RYANE LEÃO (1989)



Ryane Leão é uma poeta, professora e ativista brasileira que se tornou célebre através da publicação os seus textos no *Facebook* e na conta do *Instagram* [@ondejazzmeucoracao](https://www.instagram.com/ondejazzmeucoracao). Em 2017, lançou *Tudo Nela Brilha e Queima*, livro onde reúne "poemas de luta e amor" com teor autobiográfico. Atualmente, a influenciadora digital tem mais de 400 mil seguidores que se inspiram com as suas publicações e ajudam a divulgar o seu trabalho. Abordando inúmeras

experiências e situações, seus versos conduzem a reflexões profundas acerca do modo como vivemos e nos relacionamos.



“que ideia mais estúpida achar que é melhor sentir dor a não sentir nada elevamos o sentir a níveis tão errados que preferimos atear fogo em nós mesmas a conviver com nossos vazios.”

Tudo Nela Brilha e Queima (2017)

Militante do feminismo negro, a autora encara a poesia como forma de comunicar com outras mulheres. Recomenda que tenham fé em si mesmas, cultivem o **amor próprio e a autoaceitação**, buscando ambientes saudáveis onde sejam respeitadas e possam evoluir.

“Moça, sobre lugares e pessoas: se não puder ser você mesma vá embora”

PLENÁRIA DA FASUBRA DELIBERA POR DEFLAGRAR ESTADO DE GREVE PARA CATEGORIA

A FASUBRA aprovou na última Plenária de 2019, realizado no mês de dezembro, Plano de Lutas para unidade e organização da categoria para o enfrentamento aos ataques do Governo Bolsonaro.

A Federação indicou ainda a realização de Encontros Regionais, como forma de aproximação e mobilização nos estados.

Cabe ressaltar, nesse plano de lutas, o Estado de Greve que essa federação aponta, já que o contexto no Congresso ainda é incerto, sendo necessário manter-se em mobilização constante para chamamento da construção dos movimentos de massa e de greve unificada conforme os ataques forem sendo colocados no Congresso.



CALENDÁRIO E PLANO DE LUTAS:

JANEIRO

- Desenvolver Campanha de mídia contra o Plano Mais Brasil e a PEC 438 e em defesa da educação e da democracia;
- Desenvolver Campanha midiática voltada para a valorização dos sindicatos, com a criação da #osindicatoestavalá;
- Desenvolver Campanha midiática voltada para a valorização da trabalhadora e do trabalhador do serviço público;
- Produzir material midiático como vídeos, textos, panfletos digitais etc.; para divulgação das campanhas;
- Realizar levantamento estatístico das universidades sob intervenção;

FEVEREIRO

- 08 e 09 –Encontro Nacional da CNSC e CIS;
- 12–Audiência Pública em Defesa dos Serviços e dos Servidores Públicos -Auditório Nereu Ramos –Brasília/DF- a confirmar.
- 12–Dia Nacional de Mobilização com a “Universidade na Praça”;
- Entre segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro–Encontro Nacional de Organização Sindical da FASUBRA;

MARÇO

- 08–Dia Internacional da Mulher;
- 13 a 15 –Período indicativo de Plenária Nacional da FASUBRA;
- 18 –Dia Nacional de Mobilização Nacional em Defesa dos Serviços e Servidores Públicos, com paralisações. (Esta data poderá ser alterada de acordo com a reunião das centrais e entidades dos Servidores Públicos).



MAIS ATAQUES À AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

RAFAEL MISSIONAS

COORDENADOR GERAL DA APTAFURG E DIREÇÃO NACIONAL DA FASUBRA SINDICAL



Em 2019, tive a oportunidade de assumir a titularidade da Coordenação de Educação da Fasubra Sindical, e na plenária dos dias 07 e 08 de dezembro, defendi a necessidade de seguirmos com a mobilização para barrar os ataques do Governo Bolsonaro contra a Educação, como o Future-se e a precarização do ensino público, gratuito e de qualidade. A Plenária da Fasubra aprovou o Estado de Greve e a APTAFURG também.

Para encerrar 2019, Bolsonaro promoveu mais um ataque à Autonomia Universitária, na véspera do Natal foi publicada a medida provisória de número 914 (MP 914/2019) que dispõe sobre o processo de escolha dos dirigentes das universidades e dos institutos federais.

Através da MP 914/2019, o governo visa o aparelhamento das universidades e institutos federais, uma vez que estabelece que o Presidente da República por meio do Ministro da

Educação escolherá através de lista tríplice o reitor das dessas instituições, sabemos que Bolsonaro não tem apreço à democracia, tendo por diversas vezes desrespeitado a vontade da comunidade universitária, quando não escolheu o mais votado da lista ou quando nomeou interventores.

Esse novo ataque atinge os Institutos Federais que não submetiam ao Presidente da República uma lista tríplice para a escolha de seus reitores. A MP visa terminar com a democracia interna das universidades e institutos federais ao instituir que os campi e as unidades acadêmicas serão dirigidos por diretores, que serão escolhidos e nomeados pelos reitores sem eleições diretas para os mandatos.

A MP 914/2019 acaba com a paridade nas eleições estabelecendo o peso de 70% no voto docente, 15% no do técnico-administrativo em educação e 15% para o voto discente, o que representa um retrocesso

gigantesco, uma vez que a maioria das instituições já adotam o voto paritário entre os três segmentos da comunidade acadêmica: TAEs, professores e estudantes.

Esse governo pretende nomear reitores alinhados ao obscurantismo do bolsonarismo, que trata a Educação como inimiga, visando macular a imagem de nossas instituições, que são as maiores promotoras de ensino, pesquisa e extensão do país, para favorecer uma futura privatização.

Consideramos inconstitucional a edição de Medida Provisória para tratar dessa matéria, uma vez que não preenche os critérios para tal, bem como um ataque à autonomia universitária, consagrada no art. 207 da Constituição Federal, e a Fasubra Sindical buscará todas as ações possíveis para barrar tal MP.

Defendemos a democracia nas Instituições de Ensino com eleições diretas, com voto paritário e que o processo se encerre na própria instituição, com respeito à autonomia universitária e sem intervenção nas escolhas da comunidade acadêmica seja pelo Ministro da Educação ou pelo Presidente.

Seguimos em Estado de Greve contra os ataques de Weintraub e Bolsonaro às universidades e institutos federais. Fora, Weintraub e Bolsonaro!!!

CHARGE

ALLISSON AFFONSO



O QUE DIFERENCIA OS INCÊNDIOS NA AUSTRÁLIA DAS QUEIMADAS NA AMAZÔNIA?

ENQUANTO DESMATAMENTO DESTRÓI FLORESTAS BRASILEIRAS, MUDANÇAS CLIMÁTICAS ALASTRAM AS CHAMAS NO OUTRO LADO DO MUNDO



Cangurus fogem das fumaças causadas pelos incêndios florestais na cidade de Cooma (Foto: Saeed Khan/AFP)



Brasil vive a maior onda de queimadas dos últimos cinco anos (Foto: Daniel Beltrá/Greenpeace)

As chamas que há meses consomem as florestas australianas inevitavelmente evocam as imagens das queimadas que devastaram a Amazônia em 2019. Enquanto o fogo em território amazônico foi reduzido pela chegada da chuva que cai sobre a floresta neste período do ano, na Austrália, as labaredas se intensificaram em dezembro.

Os incêndios na Austrália já atingiram mais de 5 milhões de hectares. Desde setembro, mais de 1.500 casas foram destruídas e ao menos 25 pessoas morreram.

Além das vítimas fatais, o dano causado à fauna é sem precedentes: Ecologistas da Universidade de Sydney e da organização WWF estimam que mais de um bilhão de animais naturais do país, como coalas e cangurus, foram mortos pelo fogo.

Com a permanência da onda de calor, ainda não há perspectiva de controle total do fogo. Apenas no estado de Nova Gales do Sul, por exemplo, existem 130 focos de incêndios ativos.

Representantes do governo brasileiro aproveitaram o trágico contexto ambiental do país da Oceania para condenar as críticas recebidas por sua atuação contra as queimadas da Amazônia.

O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, por exemplo, afirmou que a Austrália queimou seis vezes mais que o território amazônico e vitimizou a gestão de Jair Bolsonaro. "Mas certas ONG's e alguns jornalistas só se importam em falar mal de seu próprio país e,

claro, sempre contra o governo. Seletividade absoluta", disse, no Twitter.

No mesmo tom, o próprio presidente questionou no dia 2 de janeiro por que a jovem sueca Greta Thunberg, ativista ambiental duramente criticada por bolsonaristas, e Emmanuel Macron, presidente francês, não haviam se pronunciado sobre os incêndios na Austrália.

Entretanto, também no início do ano, Macron anunciou que ligou para o primeiro-ministro australiano, Scott Morrison, oferecendo assistência no combate aos incêndios. Diversos comentários sobre a questão também podem ser encontrados nas redes sociais de Greta.

Origens distintas

Rômulo Batista, da campanha de Florestas do Greenpeace, explica que os fatores que causaram os incêndios florestais nos dois países são diferentes e é preciso analisar caso a caso.

"Lá, o que tem sido queimado, é o que chamamos de floresta tropical seca, completamente diferente da floresta tropical úmida que é a característica da Amazônia. A maioria dos focos de incêndio da Amazônia se deu em áreas ou que foram desmatadas anteriormente ou que estão no arco do desmatamento em que foi usado fogo para desmatar a floresta e ocupar o solo com outra alternativa", observa.

Devido à secura, a vegetação australiana fica mais suscetível às

altas temperaturas da região, que chegam a atingir marcas superiores a 40 °C. O tempo seco e os fortes ventos ajudam a espalhar as chamas, mas, como a vegetação é adaptada a este tipo de ocorrência, se recupera naturalmente após o incêndio. O diferencial da situação atual é a extensão da devastação.

Isso significa que, enquanto as características da vegetação e do clima intensificam as queimadas do outro lado do mundo, com uma menor porcentagem provocada pela ação humana, o fogo na Amazônia resulta exclusivamente da ação predatória do desmatamento.

Batista avalia ainda que a comparação entre as queimadas não isentam o governo brasileiro de sua responsabilidade ou atenuam a gravidade da destruição do território amazônico.

"Esse governo, desde sua posse, não se responsabiliza pela anti-política ambiental que assumiu. Para cada erro, para cada falta de ação na questão ambiental, ele se apressa a apontar o dedo a uma outra direção ou usa exemplos que não são comparáveis para tentar justificar a falta de atitude e a completa e total de organização, preparo e de um plano para a questão ambiental no Brasil", critica o porta-voz do Greenpeace.

Fogo e tudo vira pasto

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), somente entre os meses de agosto e setembro, o fogo consumiu 41.197 km² de floresta amazônica.

Em nota técnica publicada no auge das queimadas na Amazônia, o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) comparou os municípios com maior índice de desmatamento com os de maior índice de foco de incêndio, provando a ligação entre o desmatamento e as chamas. Altamira (PA), Porto Velho (RO), São Félix do Xingu (PA), Lábrea (AM), Colniza (MT) e Novo Progresso (PA) estão nas duas listas.

Estimulados por Bolsonaro, fazendeiros promovem "dia do fogo" na Amazônia:

Segundo Paulo Brando, pesquisador do Ipam, com a degradação da floresta amazônica das últimas décadas e longos períodos de seca, a vegetação fica mais suscetível a espalhar o fogo. O especialista é enfático ao corroborar, no entanto, que a origem das chamas não é uma condição natural.

"É preciso do fósforo, da ação humana, para ter fogo. Na Amazônia, qualquer incêndio florestal não é natural", reforça.

"As queimadas para desmatamento ou para reformular pasto, escapam e acabam se tornando desastres. Isso aconteceu em 1997, 1998, 2005, 2007, 2010, 2015 e 2016. Anos de seca. O problema é que essas secas vão se tornar cada vez mais comuns, a temperatura do ar vai aumentar, a paisagem vai ficar mais inflamada. Para evitarmos desastres comparáveis com o da Austrália, precisamos remover o fogo."

FAÇA SUA VOZ SER OUVIDA



Somente com nossa união
teremos forças para sermos
ouvidos. E para isso,
precisamos muito de seu
apoio. Defenda sua categoria.
Defenda seus direitos.

Filie-se à APTAFURG Sindicato.

**NÓS DEFENDEMOS SEUS DIREITOS.
NÓS LUTAMOS POR SUAS CONQUISTAS.
VEM COM A GENTE!**

